

Cabral, relator à procura de texto

Bernardo Cabral tropeça nas palavras e, como orador, gosta de comparar advogado a passarinho

Arquivo — 13/4/87

Franklin Martins

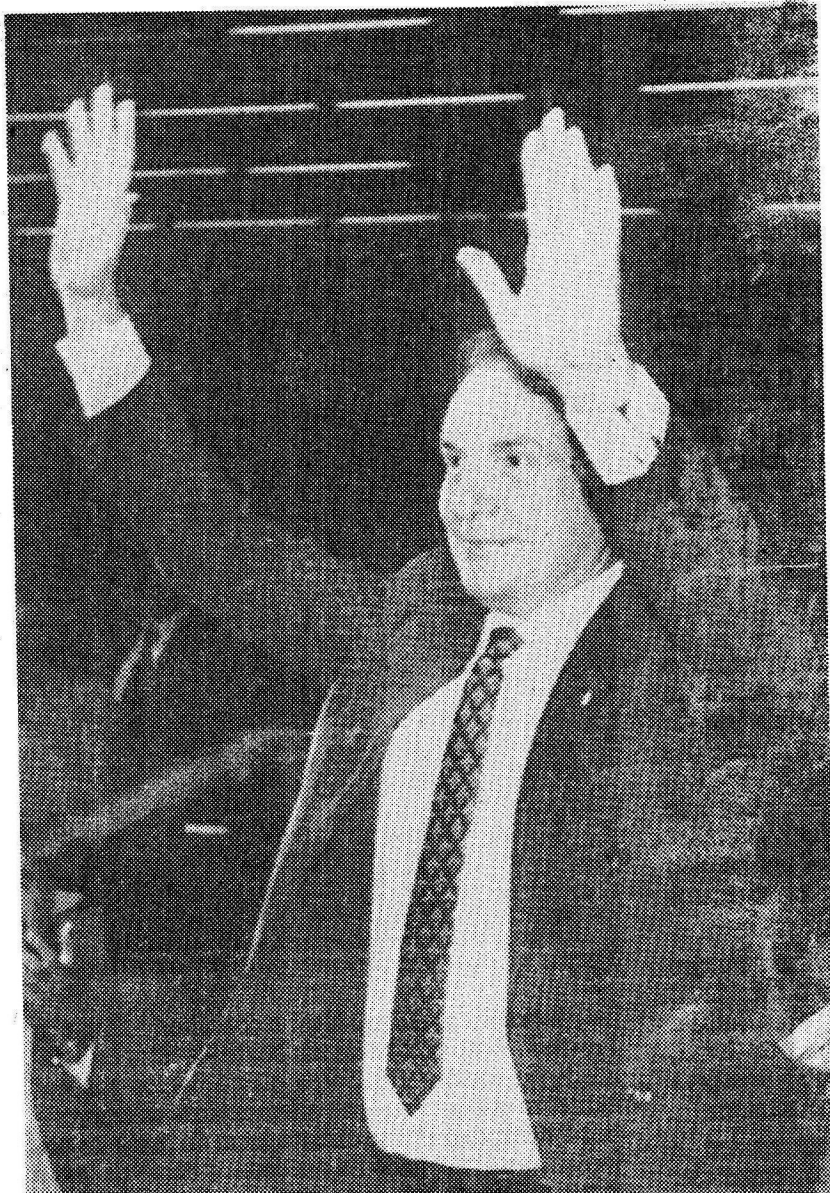
Quando era advogado no Rio de Janeiro, na década de 70, o relator da Comissão de Sistematização da Constituinte, deputado Bernardo Cabral, costumava justificar suas opiniões sobre processos complexos com uma afirmação insólita: "Examinei perfunctoriamente os autos". Só mais tarde se deu conta de que perfunctório é sinônimo de superficial e não de profundo, como supunha. O adjetivo "diuturno" também lhe pregava peças. Cabral empregava-o como se fosse a soma de diurno com noturno e não como registra o Aurélio: "que tem longa duração".

Segundo um dos mais importantes advogados do país, que contou os dois casos entre risadas, a Constituinte vai se decepcionar se elegeu Cabral como relator da Comissão de Sistematização — o responsável pela redação do texto final da nova Carta — supondo que ele tenha um enorme saber jurídico, por ter sido presidente da Ordem dos Advogados do Brasil. Embora seja um homem íntegro e respeitável, Cabral não tem grande conhecimento de direito, de acordo com um ex-conselheiro da OAB. Nunca defendeu grandes causas, frequentou pouco o fórum e ficou conhecido entre os colegas como "o rei da ação sumaríssima" — causas sem importância cujo valor não excede vinte salários mínimos. Chegou à presidência da OAB mais por sua extrema habilidade política e competência na arte de cativar eleitores do que por seu prestígio profissional.

Tino político

Simpático, efusivo, envolvente, o amazonense Bernardo Cabral, 54 anos, queria ser engenheiro. Pouco antes do vestibular, porém, seu irmão de 17 anos foi assassinado por um policial. A tragédia mudou a opção profissional de Cabral, que resolveu ser advogado. Mas logo entrou para a política. Foi chefe de polícia de Manaus aos 24 anos e, em seguida, secretário de estado e chefe do Gabinete Civil de Gilberto Mestrinho, de quem é grande amigo e advogado. Em 52 elegeu-se deputado estadual pelo PTB, como o mais votado estado. Em 66 foi para a Câmara dos Deputados, sendo cassado após o AI-5. Montou então uma modesta banca de advocacia no Rio, onde morou por quase vinte anos.

Eleito pelo Amazonas para o Conselho Federal da OAB — na época, as seccionais da entidade costumavam indicar para seus representantes no conselho advogados vinculados aos estados que militavam no Rio —, Cabral logo mostrou seu tino político. Em 1979 tornou-se secretário-geral na chapa liderada por Eduardo Seabra Fagundes. No cargo, viajou por todo o país e cortejou as seccionais, propondo que elas passassem a eleger seus conselheiros entre os advogados que exerciam a profissão nos estados. A tática lhe rendeu muitos dividendos, quando em 1981 disputou a presi-



Cabral agradece à bancada a indicação para relator

dência da entidade contra o atual procurador-geral da República, Sepúlveda Pertence, considerado um dos mais brilhantes e competentes advogados do país.

Cabral mostrou então sua maestria na arte de seduzir eleitores. Inteligente, organizado e dotado de grande memória, chamava os eleitores pelo nome, pedia detalhes sobre a saúde de parentes e, nas conversas em particular, dava ao conselheiro do estado ou território mais humilde a impressão de que era um interlocutor privilegiado.

Feijoada com abóbora

Diante de um Sepúlveda Pertence tímido e introvertido, que fazia campanha nos moldes tradicionais da OAB, Cabral pediu e ganhou votos no melhor estilo dos políticos profissionais. No Piauí, os dois candidatos foram convidados para uma feijoada na casa do presidente da OAB local. Dentro da panela, pedaços de inhame e abóbora dissolviam-se, envolvendo as carnes e o feijão numa grossa pasta — uma visão que aterrorizou os dois candidatos. Sepúlveda Pertence,

educado mas inexperiente, limitou-se a comer o estritamente necessário para não magoar a cozinheira, a mãe do dono da casa. Cabral não perdeu a oportunidade. Comeu furiosamente, repetiu várias vezes e, ao final, como se estivesse vivendo um momento supremo, foi logo avisando: "Não saio desta casa enquanto não me derem a receita dessa feijoada maravilhosa". É claro que levou a receita, junto com os votos dos conselheiros do Piauí.

Em Roraima, o presidente da OAB local serviu aos candidatos uma cachaça fortíssima, fabricada em sua fazenda. Sepúlveda nem chegou a terminar o cálice. Cabral, que não bebe, entornou vários copos, estalando a língua a cada gole. Mais uma vez, ganhou o coração e os votos do dono da casa.

No dia da eleição, foi um passeio: Bernardo Cabral venceu com grande folga. Diante das críticas de que tinha cortejado as seccionais com promessas, Cabral respondeu dizendo que sua vitória era o fim do "baronato" — um reduzido grupo de advogados famosos do Rio que,

segundo ele, controlava a entidade desprezando os estados mais humildes.

Leão da Metro

Seus adversários na OAB não lhe poupam por seu estilo desembaraçado, sempre atento para o menor detalhe que lhe permita conquistar a pessoa. Brincando de latim, por vício da profissão, eles parafraseiam o leão da Metro, que aparece rosnando na tela em cima da inscrição *Ars gratia artis* — a arte pelo gosto da arte. No caso de Cabral, seus críticos dizem que o lema deveria ser *Potestas gratia potestatis* — o poder pelo gosto do poder. Segundo eles, o deputado amazonense não se acanha em usar pequenos truques, se lhe for politicamente conveniente.

Quando era presidente da OAB, o jornal da entidade noticiou que Cabral havia almoçado na Casa Branca com o presidente norte-americano Ronald Reagan. Ao lado, uma reprodução do convite em inglês, com a figura da águia americana. A notícia dava a impressão de que Cabral e Reagan haviam tido um almoço íntimo. Na verdade, Cabral, como centenas de outros participantes de um congresso internacional de advogados, comeu de pé nos jardins da Casa Branca, com o prato na mão — Reagan só apareceu no final para um formal agradecimento aos presentes, como é comum nesse tipo de atividade protocolar comum em Washington.

Em seu currículo, Cabral diz que derrotou o atual presidente da Comissão de Sistematização da Constituinte, Afonso Arinos, para orador do Instituto dos Advogados do Brasil, dando a impressão de que ambos participaram de um concurso de oratória onde Cabral levou a melhor. Mas Arinos e Cabral nunca subiram à tribuna para disputar diante de um júri quem é o mais eloquente. Apenas participaram de chapas diferentes para a OAB, em 1976, cada um ocupando o lugar de candidato a orador. A chapa de Cabral ganhou e a de Arinos perdeu.

Discurso do pé

Mesmo porque, dizem seus críticos, Cabral não pode ser considerado um grande orador. É famoso o seu discurso na posse dos ministros José Dantas, da Paraíba, e Aldir Passarinho, do Piauí, na presidência e vice-presidência do Tribunal Federal de Recursos. "Singular coincidência, o ministro José Dantas é da Paraíba e o ministro Aldir Passarinho é do Piauí, ambos estados começam com a letra 'pé'", saudou Cabral.

Em outro discurso, Cabral contou a história de um passarinho que vivia muito triste porque tinha uma perna só. Um dia, apareceu outro passarinho também com uma perna só e o primeiro passarinho passou a ser feliz. Mas, inesperadamente, o segundo passarinho partiu. O primeiro deles não suportou a separação, definiu-se e morreu. Cabral, em sua peça oratória comparava o advogado ao passarinho da história: ele não pode viver longe da advocacia.